



## Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

### A Noção de Fronteira em Textos da Cultura na Comunicação<sup>1</sup>

Terezinha Tagé<sup>2</sup>

#### Resumo

A proposta deste trabalho é a de compartilhar estudos sobre a noção de fronteira segundo Iuri Lotman em textos da cultura que permanecem na memória textual da imprensa e na cultura brasileira desde a década de 1970, gerando novas semioses e informações em nossa atualidade, graças aos procedimentos de sistematização de signos que os constituem. A comunicação de informações se efetua porque os princípios de um gênero invadem o espaço de outro e ambos são reestruturados pela apreensão de memória de diferentes sistemas de modelização. As reflexões são complementadas com a leitura e análise de uma reportagem jornalística integrada à peça "Mundo Composto", ambas escritas pelo dramaturgo e jornalista Jorge Andrade na revista Realidade nº 80 em 1972, numa tradução intersemiótica do imaginário místico nordestino.

#### Palavras-chave

comunicação; fronteira; semiosfera; memória da imprensa; jornalismo e dramaturgia.

#### Corpo do trabalho

Pensar a Comunicação em suas manifestações sociais a partir dos textos elaborados nas produções midiáticas em todos os tempos históricos é um desafio para o pesquisador desta área, embora seja uma abordagem legítima para compreender este fenômeno de um modo coerente com a sua natureza e com suas demandas.

Por este motivo, a noção de texto, segundo o pensador e semiótico Iúri Lotman, em um dos segmentos da Semiótica da Cultura, justifica-se como um apoio pertinente, entre muitos outros, para mergulhar neste universo tão diversificado, maleável, paradoxal, mas, sobretudo e por isso mesmo, condizente com o movimento da vida social imediata de cada época. Ajuda-nos a compreender nossa condição de humanos quando manifestada em produções midiáticas contemporâneas ou não.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XXX Congresso da Intercom ao NP: "Semiótica da Comunicação"

<sup>2</sup> Terezinha Tagé

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela FFLCH/USP. Docente e pesquisadora no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA.



Para Lotman, desde seus primeiros estudos da década de 1970, o texto sempre foi considerado como todo sistema de signos verbais ou não verbais inter-relacionados para comunicar uma mensagem. Seu significado é constituído na correlação

“(…) com otros sistemas de significado más amplios, com otros textos, com otros códigos, com outra normas presentes em toda cultura, em toda sociedad. Por tanto, comprender un texto(artístico o non) es comprender no solo las relaciones intratextuales, sino también las relaciones extratextuales y las que surgen de confrontar éstas con aquéllas”. (SANCHES, 1996, 258.)

Este apoio teórico, quando escolhido pelos pesquisadores da Comunicação que abraçaram a causa de estudar o processo de constituição de significados em permanente interação entre sistemas de signos e formatos nos textos da cultura e, por extensão, nos textos da cultura *nas mídias de não das mídias*, remete-nos à noção de semiosfera e de fronteira.

Antes de continuar, é preciso esclarecer no corpo deste escrito, a diferença de posicionamento entre estas duas possibilidades de estudo.

A primeira (*textos da cultura nas mídias*) prioriza os textos da cultura de espaços semióticos diferentes quando passam a pertencer à semiosfera delimitada onde se encontra o objeto e a mídia recortados para o estudo do pesquisador.

Como exemplo, uma peça de teatro transformada em telenovela, ‘Os Ossos do Barão’, adaptada pelo seu próprio autor, Jorge Andrade; um romance como ‘Lavoura Arcaica’, de Raduan Nassar, traduzido semioticamente para o filme homônimo de Luiz Fernando Carvalho, atribuindo ao sistema sígnico verbal uma dimensão sonora de teor personificado, tornando-o quase “personagem”, tal a sua importância; uma crônica de um escritor de ficção publicada em jornal diário, onde está reproduzida uma parte de outro texto da cultura como um trecho de romance ou uma carta particular. Outro exemplo, considerando o romance como mídia diferenciada escrita em um tempo distante, está na obra: “Ligações Perigosas”, de Pierre Chardel de Laclos (1741-1803), composto por um diálogo de cartas e que sugeriu outros textos em diferentes épocas.

Estes textos preservam de algum modo o próprio gênero<sup>3</sup> ou o formato<sup>4</sup> ou os elementos componentes de base com poucas variações estruturais e adaptações exigidas

---

<sup>3</sup> Estamos nos referindo ao conceito de gênero do discurso como “(...) todo conjunto de enunciados relativamente estáveis... em uma esfera de atividade humana”, conforme Bakhtin.

<sup>4</sup> Consideramos formato as formas dos objetos estudados enquanto dispositivos midiáticos em mídias contemporâneas ou não, emergentes ou diferenciadas.



pelos linguagens do universo midiático em que se encontram, criando outros produtos híbridos e outros gêneros de difícil classificação entre as que conhecemos.

Estes textos midiáticos passam a pertencer à cultura e interagem nas mídias tradicionais de comunicação ou nas diferenciadas, integrando-se a elas para gerar outras semioses, preservar sentidos ou resgatá-los. Ao mesmo tempo, conservam traços de seus atributos originais. Alguns podem ser lidos e interpretados de modo autônomo e também podem integrar-se a outras semiosferas. Carregam as marcas de diferentes gêneros discursivos e de diferentes formatos que foram adquirindo sem perder sua autonomia.

A segunda (textos das mídias) refere-se aos textos diretamente criados para as mídias contemporâneas ou não, mesmo que tragam em sua composição recursos e elementos estruturais e intertextuais provenientes de outros gêneros e formatos segundo as classificações tradicionalmente aceitas. Por exemplo, as telenovelas concebidas como tal e que inserem discursos, estratégias de abordagens do jornalismo, os jornais que reiteram grafismos e recursos infográficos retomados de histórias em quadrinhos ou dos enquadramentos televisivos ou cinematográficos e inúmeras outras possibilidades de diálogo textual e discursivo em relação às suas estruturas composicionais e também à temática destacada pelo objeto em estudo.

Chegamos até a pensar que o estudo dos textos midiáticos supõe o estabelecimento de um permanente e natural diálogo entre os elementos constitutivos de seus formatos e gêneros.

Estas reflexões levaram-nos às seguintes questões: seriam os textos midiáticos da Cultura espaços semióticos criados na fronteira entre diferentes semiosferas, entre seus diferentes níveis, entre gêneros discursivos, entre gêneros textuais, entre novos formatos dos meios emergentes e alternativos como característica de sua própria natureza?

### **A noção de fronteira e os textos jornalísticos diferenciados**

Quando falamos em fronteira é preciso pensar na noção de semiosfera. Ela foi introduzida por Iúri Lotman ao perceber que os sistemas de signos não existem isolados. Tornam-se vivos e adquirem sentido quando estão:

“( ..) submergidos en un continuum semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan em diversos niveles de organización. A ese continuum, por analogía

con el concepto de biosfera introduzido por Vernadski, lo llamamos de semiosfera...(LOTMAN,1996, 22)

Assim como a biosfera de Vernadski é um mecanismo cósmico que tem um lugar definido na estrutura do planeta, envolvendo completamente toda a matéria viva, transformando-a e conservando-a, a semiosfera é um espaço pleno de signos e abstrato, fechado, dentro do qual é possível a geração e transformação do sentido produzido na materialidade sígnica que nos envolve. Uma camada protetora de signos que são modelizados em textos no “planeta da Cultura” para permitir a Comunicação. É compreendida como um lugar onde se dá o funcionamento de todo sistema de signos. Nele os processos comunicativos tornam-se possíveis e as informações novas são produzidas.

Entre os estudos desenvolvidos pelo pensador estoniano da Escola de Tártu e divulgados no ocidente, citamos como exemplo clássico “Universe of the Mind: a Semiotic Theory of Culture” (LOTMAN, 1990), organizados por Ann Sukman, e os três volumes da coletânea de artigos “La Semiosfera” (LOTMAN, 1996, 1998, 2000), publicados por Desidério Navarro nos quais as duas noções referidas, semiosfera e fronteira, surgem de maneira mais amadurecida.

Sempre em traduções para a língua inglesa, italiana, francesa, espanhola, luso-portuguesa e outras que até hoje estão nas bibliotecas particulares de interessados e nas de raras universidades brasileiras ou em poucas livrarias especializadas. Esta condição para quem não conhece a língua russa dificultou o acesso à leitura dessas obras e é causa de equívocos e polêmicas quando a preocupação é a de encontrar a correspondência terminológica precisa e a sua compreensão nas fontes, gerando preconceitos e recusas quanto à legitimidade e validade destas pesquisas na área da Comunicação e outras.

Na segunda parte primeira obra citada (LOTMAN, 1990), no capítulo 9, Lotman nos apresenta a importância da noção de fronteira.

Inicia sua exposição de idéias, demonstrando que a semiosfera tem assimetrias e paradoxos porque contém oposições entre seus textos componentes e esta noção de fronteira é um de seus mecanismos característicos para articulá-las.

Ele enfatiza que a fronteira é uma noção ambivalente porque ao mesmo tempo une e separa diferentes semiosferas. Não é um limite que separa dois espaços diferentes, mas é um espaço de intersecção onde se dá a passagem e a integração de elementos de espaços semióticos opostos. Pode ser relacionada com as traduções intersemióticas entre sistemas de signos, entre formatos ou entre gêneros diferentes do ponto de vista formal



ou entre culturas com valores éticos e estéticos opostos. O processo de estabelecimento de relações, a intersecção entre diferenças gerando outros produtos semióticos que contenham elementos que pertencem às duas semiosferas diferentes em qualquer um de seus níveis internos é o que importa.

Vivemos imersos em um mundo que nos toca e afeta com um plano simbólico com o qual necessitamos nos comunicar. Alguns objetos deste plano podem ter um significado para nós e outros não. Para compreendermos o significado de cada objeto e estabelecermos uma comunicação com o mesmo é preciso que ele tome forma, que se modelize, que seja semiotizado, isto é, organizado em um ou mais sistema de signos, em textos que só pertencerão à cultura e tiverem história e memória na semiosfera que os anima. Enquanto não tiverem estas características são apenas não textos.

Ao ser semiotizado, um conjunto de signos torna-se texto modelizado, permite que o mundo seja significativo. É o texto que cria a possibilidade de significar para as linguagens e não o contrário. Ele desencadeia um processo de geração de mensagens, de semiose, como condição de vida comunicativa.

Por este motivo, a cultura pode ser considerada como um conjunto de textos em diferentes semiosferas que se inter-relacionam. No espaço interno das mesmas, que é percorrido por diferentes linguagens e níveis que a atravessam, há subsemiosferas interligadas e ao mesmo tempo interseccionadas pelos mecanismos das fronteiras.

Um exemplo pode ser encontrado quando encontramos textos de um gênero dialogando com outro ou interagindo no espaço semiótico alheio.

Surge uma nova situação no processo de constituição textual porque os princípios de um gênero de texto acabam sendo reestruturados pelas condições de organização de outro gênero, “and at same times preserves a memory of its other system of encoding”. (LOTMAN, 1990, 137)

### **Gêneros de fronteira na memória textual da imprensa brasileira: o jornalismo dramatizado**

As reportagens jornalísticas publicadas em revistas de atualidade tornam-se com o passar do tempo textos da cultura do ponto de vista semiótico porque guardam significados de uma determinada época e geram novos significados em outras, dependendo do modo como foram modelizadas.

Para exemplificar este fenômeno, apresentamos trechos de um diálogo textual e discursivo entre uma reportagem e uma peça teatral, ambas escritas e publicadas pelo



dramaturgo e jornalista Jorge Andrade em um mesmo exemplar da Revista Realidade nº80, em 1972, e por ele consideradas como formas de reportar jornalísticas equivalentes.<sup>5</sup>

Escrevendo na primeira pessoa, o repórter-dramaturgo explica, numa reportagem-ensaio, as razões pela quais os editores das matérias publicaram ao mesmo tempo a sua reportagem dramatúrgica como uma peça de teatro encartada. As informações são as mesmas nos dois formatos, o que leva o leitor a considerá-las como uma espécie de tradução intersemiótica, contendo as mesmas informações.

A peça apresenta o diálogo de duas personagens prototípicas da região, dois trabalhadores rurais, e reproduz o nível da fala de ambos, reconstruído no sistema de signos verbal e a forma de locução dos habitantes do espaço geográfico reportado. Estabelece, desse modo, uma perfeita sincronia entre o discurso dos locutores e a significação gerada no espaço semiótico. Ele explica:

“Acabei transformando a reportagem sobre misticismo numa peça de teatro. Teatro, no meu conceito, deve ser a crônica do homem no tempo e no espaço, portanto, jornalismo dramatizado. O cenário, as personagens, os diálogos são absolutamente autênticos. Anotei tudo, sentado à sombra de um juazeiro, enquanto Cícero e João Leite batiam o pouco feijão que colheram. O diálogo dos dois, porém é intemporal. Pode ter acontecido enquanto preparava a terra... numa das casas, nas roças, nas cidades, à beira das estradas que levam a Juazeiro... Ele resume os dois conceitos místicos de dois sertanejos pernambucanos, mas também pode resumir os de homens do Paraná, São Paulo, Mato Grosso ou Pará. Mas, onde mais espelha as estruturas de uma sociedade condicionada geográfica e humanamente é no nordeste”  
(ANDRADE, Jorge, 1972, 237)

O texto da reportagem tem como título: “Deus é leite, e o cão, arado quebrado” e a peça de teatro recebeu o nome: “Mundo composto”. Ambas apontam o lugar ocupado pelo misticismo exacerbado e enraizado no imaginário local, nos valores e na cultura do habitante da vida rural no sertão nordestino brasileiro, como causa de seus problemas sociais e existenciais. O título indica as oposições na semiosfera em que

---

<sup>5</sup> Estes textos das reportagens estão incluídos na segunda fase do projeto editorial da Revista Realidade, de 1969 até 1972, quando foram criadas estratégias para continuar com as edições com os mesmos princípios jornalísticos, éticos e políticos iniciais desta revista de atualidade comunicando os fatos essenciais da realidade brasileira, mas sem entrar em conflito com a censura imposta pelo decreto AI5, de dezembro de 1968. Neste período foram contratados intelectuais brasileiros para criar reportagens com textos diferenciados e elaborados com elementos provenientes de outras ordens discursivas e textuais, além do padrão jornalístico tradicional. Entre estes intelectuais estava o dramaturgo Jorge Andrade, autor das reportagens referidas. No momento da publicação deste número da revista, a proposta era dedicá-la ao estudo e à divulgação dos problemas sociais e econômicos de uma região brasileira carente e pouco conhecida em suas características e em seus problemas sociais por meio de reportagens: o Nordeste. Elas foram realizadas na zona rural de Pernambuco, no Sítio Saco, em Itáiba, a 300 km de Recife em 1972.



viviam as personagens daquela realidade e que se cruzavam no universo do imaginário simbólico-religioso que os envolvia. De um lado, um produto da natureza, o leite que significa Deus, o bem, a felicidade, a vida e de outro lado, o arado quebrado que significa o diabo, o cão, o mal, a desgraça e a morte.

A síntese desta condição humana está no título da peça: “O mundo Composto”, representando o processo de estabelecimentos da noção de fronteira semiótica resultante de um processo de assimetrias e oposições culturais integradas e incrustadas na memória discursiva de seus protagonistas dentro da semiosfera em que se inserem, em diferentes camadas de organização sógnica unificadas internamente na semiosfera que os envolve.

Segundo Lotman: “Paradoxically, the internal space of a semiosphere is at the same time unequal yet unified, asymmetrical yet uniform.” (LOTMAN, I, 1990, 131)

Por extensão e analogia, estes textos possibilitam a correspondência e a analogia entre esta mesma ordem simbólica de outras situações relativas à religiosidade na cultura brasileira em diferentes tempos cronológicos e espaços geográficos.

Permanece até hoje entre nós, bastando conferir as notícias da imprensa recente.

Este número desta revista alcançou grande repercussão em seu tempo e permanece atual, porque, infelizmente, as mazelas deste espaço geográfico brasileiro ainda existem, estão do mesmo modo associadas a outros espaços geográficos brasileiros ou não. Este fato torna as reportagens desta publicação, infelizmente, atualizadas. Suas informações continuam válidas porque geram significados novos a cada leitura.

Como textos da cultura permanecem na memória textual da história da imprensa constroem uma identidade sógnica diferenciada e atemporal

As duas produções complementares são sistemas sógnicos inter-relacionados na intersecção de assimetrias e oposições e como gêneros de fronteira. Apresentam em seus elementos constitutivos características de dois formatos textuais que se cruzam e, como consequência, desencadeiam um processo de interação entre seus gêneros discursivos, possibilitando uma espécie de diálogo de sistemas sógnicos.

Este procedimento se dá tanto do ponto de vista estrutural quanto semântico. O mecanismo da fronteira entre textos da mesma semiosfera permite que o espaço semiótico do jornalismo invada o dramaturgicamente e vice-versa.

Estes processos de atravessamento entre gêneros em um diálogo textual interagem.



Passam a construir memória e história graças aos processos de sistematização de signos que as constituem e podem ser interpretados em espaços semióticos diversificados.

Nelas é possível recapturar as marcas de uma cultura tanto no espaço midiático quanto em obras de arte, mitos, rituais e outros objetos de estudo porque passam a fazer parte da memória textual na cultura.

A reportagem-ensaio apresenta-se com a estrutura de um relato de atividades, enriquecido de comentários e reflexões porque foi escrita após a peça.

Segundo o repórter José Hamilton Ribeiro, que presenciou a reunião de pauta para editar este número, Jorge Andrade escreveu a peça considerando-a como reportagem completa e considerava-a como autêntico produto jornalístico. Mas, a estrutura do texto não era tradicionalmente jornalística para os padrões do jornalismo tradicional e da Editora Abril que contratara os repórteres para esta edição. Estes aspectos profissionais foram considerados relevantes nas reuniões de pauta. Como resultado, o repórter Jorge Andrade elaborou os dois formatos com seus gêneros correspondentes, utilizando recursos discursivos e textuais provenientes de ambos, criando um texto de fronteira no espaço semiótico do jornalismo brasileiro, uma reportagem dramatúrgica sobre o misticismo nordestino.

O texto foi criado em forma de diálogo entre duas personagens prototípicas daquela região geográfica: Cícero, mais cético e que acredita nas soluções terrenas para seus problemas sociais e para sua existência. Em oposição, João Leite, pensa que a solução para acalmar a sua miséria é a fé cega em um Deus autoritário do qual ele é apenas uma marionete.

Vejamos um trecho do diálogo de ambos diante da ameaça da repetição, em 1972, da seca devastadora de 1970 e a dificuldade para cuidar da terra, extrair alimento e produtos para vender e sobreviver.

“João Leite – Deus sempre ajuda e acaba mandando chuva.  
Cícero – Deus é chuva, é água, compadre.  
João Leite – Deus é as vontade, nas recompensa e nos castigo.  
Cícero – Na tristeza da seca de 70 não tivemos água nem pra cozinhar.  
Quitéria não sabia como cozinhar o que a gente não tinha. Aquilo foi o contrário, foi o Cão.”

.....

“Cícero – Com boi, com besta ou com nossos braço tudo vai bem. A vida fica mesmo cachorra é quando a lagarta aparece.  
João Leite - Apareceu no algodão?”



Cícero – Um cadinho. Mas o bicho é esfomeado. Não precisa muito, não,  
pra azarar o suor de um homem. É o Cão.  
João Leite – A reza “estrela do céu” é bom.  
Cícero – Matino com reza, não.  
João Leite - Eu rezo e ela não come tudo.  
Cícero – Mais come. Pra quem tem pouco, o que é que fica?”(ANDRADE, Jorge, 1972, 240)

Eles se comunicam em suas falas um contraste de pontos de vista e de valores em relação ao mesmo mundo em que viviam. São duas visões diferentes e representativas do conflito interno da semiosfera, pois o misticismo está no imaginário de ambos. Apenas o modo de articulação é outro. Por este motivo o “mundo composto” é dinâmico e contrastante e não é unificado e linear.

O espaço semiótico parece corresponder ao espaço geográfico que serve de cenário.

Entretanto, por consideração ao tipo de mídia em que deveria ser publicada a reportagem dramatúrgica, o autor Jorge Andrade concordou em escrever um outro texto complementar, reproduzindo as mesmas informações em outra forma de reportar, num relato como forma ensaio, para ajudar o leitor a situar os fatos informados na conversa.

Para ilustrar este processo reproduziremos trechos da reportagem-ensaio:

“No Sítio Saco, João Leite e Cícero são as duas maiores expressões: um é profundamente místico, e o outro, místico à sua maneira. João Leite acredita no céu, no inferno – que diz ter visitado três vezes – em todos os santos, promessas, rezas – cura bicheira em vaca com meia oração. Cícero é quase o contrário: sem ser ateu, pois crê em Deus e nos santos, Cícero não transfere a um poder superior as principais resoluções de sua vida.(...). Assim, as atitudes ditas místicas nascem em situações sócio-econômicas, onde Deus se confunde com a espiga, o leite, a mandioca, os instrumentos de trabalho, os animais domésticos, a vida como deve ser vivida. E o demônio, com a seca, a rês maninha (estéril), a lagarta, a doença e, muitas vezes, o patrão, o ‘coronel’.  
Tanto João Leite como Cícero só ambicionam ganhar o sustento dos filhos, não tendo nenhuma ambição de lucro.” (ANDRADE, Jorge, 1970, 237)

A reportagem dramatúrgica é encartada entre duas fotos das personagens centrais, feitas pelo fotógrafo Rosário, em que Cícero e João Leite aparecem, cada um, em uma página inteira.

As fotos têm caráter jornalístico e apresentam um outro texto visual que deve ser interpretado pelo leitor e resultam numa síntese significativa dos dois textos verbais anteriores. Apresentam gestos naturais, com o registro do momento em que foram

captadas, num enquadramento que recorta o movimento da fala integrada ao gesto. O instante é registrado.

Em cada uma delas está inserida uma fala representativa que sintetiza o universo discursivo-religioso de cada um, contribuindo para confirmar a condição interna de assimetria na semiosfera.

João Leite diz na foto o enunciado: “Fui três vezes no Inferno e vi um magote de Cão. Fica bem acolá na Laje Vermeia”.

Sua mão, no centro da página, indica um espaço fora da semiosfera ao qual ele se insere, a cidade, o lugar do poder, a cidade.

Na reportagem-ensaio, o repórter escreve o mesmo enunciado, descreve o gesto de João Leite e o interpreta:

“João Leite teme o inferno que visitou três vezes – ‘fica na Laje Vermeia, doutor, pracolá’. Inconscientemente, ao indicar a direção da Laje Vermelha, ele aponta a direção das cidades, ou, quem sabe, das grandes propriedades”.

O personagem indica com seu gesto reproduzido no centro da imagem fotográfica e com a construção de seu enunciado verbal, um outro espaço semiótico. Interpreta-o, como espaço desconhecido de fora da semiosfera em que se situa. Traduz nos signos de dentro, conhecidos, os signos da vida urbana, o lado de fora da semiosfera que ele teme identificando-a com o inferno. Seu gesto esconde o rosto e integra-se semioticamente ao enunciado de sua fala. Encontramos o lugar de seu discurso na semiosfera. Para tanto, podemos dizer que é um discurso de fronteira, na intersecção entre a periferia e o centro. Seu enunciado pertence ao lado de dentro da semiosfera, mas a enunciação está situada do lado de fora. .

No caso de Cícero, a foto reproduz um close seu rosto, seu olhar firme, franco, desafiador, ele diz “A gente cansa de rezar, mas o santo não sai da folhinha da parede, não”. Apesar do discurso irônico e aparentemente cético, permanece no espaço interior da semiosfera.

Cada uma destas fotos dos personagens pode ser lida como um texto visual pelo o leitor da revista. Estas imagens interagem no momento da atribuição do sentido central da mensagem reiterada nas três formas jornalísticas de reportar. Na integração e na intersecção destes diferentes elementos constitutivos dos sistemas sógnicos entrecruzados os processos e as possibilidades de geração de semioses se multiplicam.

Somente no mecanismo da fronteira a significação da mensagem é comunicada plenamente.



Por este motivo, talvez, seja possível pensar a necessidade desses estudos sobre fronteiras como e essenciais na Comunicação.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Jorge (1972). Deus é leite e o Cão, Arado Quebrado, reportagem em *Revista Realidade* nº80, SP, editora Abril, pp. 233 a 237.

\_\_\_\_\_. O Mundo Composto, peça teatral, em *Revista Realidade*, nº80, SP, editora Abril, pp. 239 a 246.

\_\_\_\_\_. (1978) *Labirinto*, romance, Rio de Janeiro, editora Paz e Terra.

LOTMAN, I. (1990) The notion of boundary, em *Universe of the mind: a semiotic theory of the culture*, Indiana University Press, trad. Ann Shukman, introdução de Umberto Eco, pp.131 a 142.

\_\_\_\_\_. (1986) *La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*, trad.de Desidério Navarro, Madrid, Ediciones Cátedra.

\_\_\_\_\_. (1998) *La Semiosfera II: Semiótica de la cultura, del texto de la conducta y del espacio*, trad.de Desidério Navarro, Madrid, Ediciones Cátedra.

\_\_\_\_\_. (2000). *La Semiosfera III: Semiótica de las artes y de la cultura*, trad.de Desidério Navarro, Madrid, Ediciones Cátedra.

SANCHES, (1986) Iuri Mijáilovich Lotman (1922-1993): una biografía intelectual, em: *La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*, trad.de Desidério Navarro, Madrid, Ediciones Cátedra, pp. 249 a 263.